

# CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA PEDAGOGIA VIA *EDUCINE*: RELATO DE EXPERIÊNCIA

## CURRICULARIZATION OF EXTENSION IN PEDAGOGY VIA *EDUCINE*: EXPERIENCE

Submissão:  
15/02/2025  
Aceite:  
24/03/2025

Viviane da Silva Batista <sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0003-2126-7778>  
Taís Renata Maziero Giraldelelli <sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-4456-5965>  
Nájela Tavares Ujiie <sup>3</sup>  <https://orcid.org/0000-0003-3405-4894>

### Resumo

A missão universitária sempre esteve alinhada aos três pilares: ensino, pesquisa e extensão, no entanto, a consolidação e materialidade desse terceiro pilar passa a ter sustentáculo com a Resolução CNE N° 7 (Brasil, 2018), que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e orienta sua inserção obrigatória nos currículos dos cursos de Ensino Superior, uma ação em andamento. O projeto *EduCine* integra a curricularização da extensão no escopo da formação inicial em Pedagogia, utilizando o cinema como recurso didático de inserção social, com o intuito de desenvolver a oralidade e os princípios atitudinais na formação global dos partícipes. Destarte, sua execução atingiu oito municípios da região Noroeste do Paraná, dezessete escolas, 593 partícipes, sendo 567 crianças e 26 profissionais da educação, dentre eles diretores, coordenadores e professores. Assim, a ação do projeto teve contribuição formativa e a dinâmica socioeducativa que primamos por relatar e dar destaque neste artigo.

**Palavras-chave:** Educação; Curricularização da Extensão; Cinema; Oralidade.

<sup>1</sup> Coordenadora da Curricularização da Extensão do Colegiado de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranavaí - UNESPAR-Pvaí [viviane.batista@ies.unespar.edu.br](mailto:viviane.batista@ies.unespar.edu.br)

<sup>2</sup> Professora Colaboradora do Colegiado de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranavaí - UNESPAR-Pvaí [tais.giraldelli@unespar.edu.br](mailto:tais.giraldelli@unespar.edu.br)

<sup>3</sup> Professora de Pedagogia e do PPG em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar, da Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranavaí - UNESPAR-Pvaí [najelaujiie@yahoo.com.br](mailto:najelaujiie@yahoo.com.br)

## Abstract

The university mission has always been aligned with the three pillars: teaching, research and extension, however, the consolidation and materiality of this third pillar is now supported by CNE Resolution No. 7 (Brazil, 2018) which establishes the Guidelines for Extension in Brazilian Higher Education and guides its mandatory inclusion in the curricula of Higher Education courses, an ongoing action. The *EduCine* project integrates the extension curricularization within the scope of initial training in Pedagogy, using cinema as a teaching resource for social insertion, with the aim of developing orality and attitudinal principles in the overall training of participants. Thus, its implementation reached eight municipalities in the Northwest region of Paraná, seventeen schools, 593 participants, 567 children and 26 education professionals, including directors, coordinators and teachers. Thus, the project's action had a formative contribution and the socio-educational dynamics that we will focus on reporting and highlighting in this article.

**Keywords:** Education; Extension Curriculum; Cinema; Orality.

## Introdução

A extensão universitária brasileira passou por diferentes momentos e delineamentos ao longo da história, os quais refletem transformações políticas, sociais e educacionais do país, que estão intrínsecas às Reformas Educacionais e à configuração do Ensino Superior. A Constituição Federal de 1988 tem marco legal no reconhecimento da extensão e tangencia a compreensão do Ensino Superior e da Universidade no território nacional. Nessa dinâmica, registra em seu artigo 207 que: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Brasil, 1988, Art. 207). A partir daí, ao lado do ensino e da pesquisa, a extensão passou a compor a indissociabilidade da missão universitária.

Entretanto, Souza (2000) e Nogueira (2013) ponderam que a extensão universitária, embora reconhecida, não é colocada em equilíbrio e igual valor no tripé da Universidade. Em geral, na seara do Ensino Superior, persiste a tendência de dedicação e atenção mais voltada a questões didático-científicas, ensino e pesquisa em detrimento da extensão universitária. No entanto, esse contexto sofreu uma transformação imanente com promulgação da Resolução CNE nº 7 (Brasil, 2018), que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e orienta sua inserção obrigatória nos currículos dos cursos de Ensino Superior. Assim, a curricularização da extensão desabrocha e com ela a compreensão da contribuição basilar da extensão universitária na formação acadêmica e na sociedade, uma vez que a extensão toma parte do currículo como elemento integrativo de comunicação e diálogo entre universidade e sociedade, numa dinâmica de desenvolvimento educacional, político, social, cultural e econômico das regiões de pertença.

Dessa forma, a institucionalização da extensão universitária, nos níveis constitucional e legal, tem sido acompanhada por iniciativas importantes de sua implementação no âmbito do Ensino Superior, das quais temos o projeto *EduCine: Oralidade e Investigação Científica por meio do Cinema na Educação Infantil e/ou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental* como parte integrante, pela via da curricularização da extensão, vinculado às disciplinas Produção Textual (optativa) e Metodologia da Pesquisa em Educação (obrigatória) do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná, *Campus Paranavaí*, com integralização de 48 horas, das 180 horas totais das duas disciplinas do currículo.

A ação extensionista realizada teve por respaldo a intervenção, utilizou a linguagem cinematográfica e fílmica como recurso didático de planejamento e inserção social, com o intuito de promover a educação e ação inovadora, desenvolvendo a oralidade e os princípios atitudinais na formação global dos partícipes.

A consolidação do Projeto *EduCine* na sociedade atingiu oito municípios da região Noroeste do Paraná, dezessete escolas, 593 partícipes, sendo 567 crianças e 26 profissionais da educação, dentre eles diretores, coordenadores e professores. Ponderamos que a ação do projeto teve contribuição formativa e a dinâmica socioeducativa que primaremos por relatar e detalhar em seção posterior.

Para dar tessitura a este artigo, organizamos quatro seções que desvelaram a ação extensionista materializada, sendo a primeira *Extensão Universitária e Curricularização da Extensão: histórico, base conceitual e materialidade*, que apresenta o substrato teórico que sustenta a extensão universitária e a curricularização da extensão; a segunda *Educação, Cinema e Princípios Atitudinais: pressupostos*, que fundamentam os conceitos instrumentalizadores da ação extensionista, a terceira *Projeto EduCine: configuração e consolidação*, que delinea sua execução e os resultados alcançados, e por fim, a quarta seção dedicada às *Considerações Finais*.

### **Extensão Universitária e Curricularização da Extensão: histórico, base conceitual e materialidade**

De acordo com Sant'Ana (2023), a extensão universitária brasileira teve um desenvolvimento tardio, mas fortemente influenciado pelos modelos instituídos no cenário mundial, sendo eles o modelo das universidades populares europeias, assistencialista e voltado a disseminar conhecimento técnico à população; o modelo norte-americano assistencialista tecnicista prestador de serviços à comunidade e assistência técnica, com tendência neoliberal e destaque para a área rural; e, o modelo latino-americano de extensão cidadã, que segue a ideia do Manifesto de Córdoba<sup>1</sup>, buscando legitimar o propósito social da universidade e tendo a extensão como ferramenta de transformação, difusão cultural e educação popular.

Gadotti (2017) ressalta que foi na década de 1960 que no Brasil a extensão universitária assumiu compromisso social e de educação popular, com influência de movimentos sociais participação da União Nacional dos Estudantes (UNE) via movimento estudantil e ideário freiriano, que discorria apontando caminhos e orientações correlacionando as seguintes demandas para extensão universitária: teo-

<sup>1</sup> O Manifesto de Córdoba foi uma ação e movimentação estudantil realizada em Córdoba na Argentina, que reivindicava uma reforma universitária com ancoragem e princípios latino americanos, pautada no pensamento situado, na autonomia universitária, na liberdade de cátedra, no reconhecimento do conhecimento produzido, na importância da pesquisa e na expressão de um compromisso social firmado a partir da extensão, da universidade para com a sociedade. O Manifesto de Córdoba é considerado portanto, um marco na história das universidades latinoamericanas (Sant'Ana, 2023).

rizar a prática para transformá-la; reconhecer a legitimidade do saber popular; a pesquisa participante; a harmonização e interconexão entre o formal e não-formal; combinar trabalho intelectual com trabalho manual; e promover reflexão e ação, a conscientização, o diálogo e a transformação (Freire, 1985).

Em Freire (1985), temos uma compreensão de extensão abrangente e implicada de compromisso, pois concebe a extensão como comunicação, coparticipação no ato de conhecer, diálogo e formação. A extensão é vista não apenas como uma dimensão do ensino e da pesquisa voltada só para fora da universidade, mas, também como uma prática que se articula internamente, com o Projeto Pedagógico de Curso (PPC). Nesse sentido, a extensão é entendida como uma troca que fortalece e serve como semente para a transformação.

A criação do “Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras” (FORPROEX), em 1987, foi decisiva para o avanço da compreensão da extensão universitária entendida “[...] como um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” na constituição de espaço de encontro para o saber acadêmico e o saber popular (Gadotti, 2017, p. 2).

A extensão universitária representa um dos três pilares fundamentais sobre os quais se sustenta a universidade, ao lado do ensino e da pesquisa. Desse modo, enquanto um processo educativo, cultural e científico, a extensão universitária cria pontes entre o conhecimento produzido nas universidades e na sociedade, buscando não apenas a aplicação prática desse saber, mas também seu papel no impacto e na transformação social.

Nesse percurso histórico, político e educativo, a extensão universitária vem se consolidando e avançando em sua materialidade. O FORPROEX lançou a Política Nacional de Extensão em 2012, de modo que tivemos a institucionalização da Extensão e a priorização da Extensão em programas e investimentos do Governo Federal, dentre eles o Programa de Apoio à Extensão Universitária (PROEXT), vigente de 2008 a 2016 e o Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação (PROEXT-PG), criado em 2023, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (Sesu/MEC).

No bojo evolutivo, é importante registrar qual a nossa compreensão de extensão universitária e ela coaduna com o exposto:

A Extensão sobre a qual falamos precisa trazer, como premissa, a transformação social. Ela deve focar na transformação social e ter, como prioridade, o impacto na formação dos(as) estudantes. A Extensão que almejamos é sinalada por uma característica diferente daquela que a antecedeu, que, por vezes, tinha uma marca mais assistencialista ou de prestação de serviços. Ao contrário das fases anteriores, a Extensão deve estar pautada por uma relação ganha-ganha, feita e construída a partir do compartilhamento e do reconhecimento dos saberes que estão fora da universidade. Os saberes científicos são importantes e os saberes populares também. É nesta troca que temos uma construção coletiva, que vai impactar de maneira diferente a formação do nosso estudante e vai ser geradora da transformação tanto na sociedade quanto na própria universidade (Lisboa Filho, 2022, p. 23).

A curricularização da extensão, para nós, tem correlação com a dialogicidade freiriana, a comunhão de pessoas e esforços na mobilização de objetivo comum. Esse processo retroalimenta o existir e a busca do homem e da mulher pela educação integral, fortalecendo o desejo de ser mais no mundo e com ele, pois, como evidencia Freire (1985, p. 36), “[...] o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julgam não saberem; o conhecimento se constitui nas relações ho-

mem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações”. Por isso, defendemos que a extensão universitária e a curricularização da extensão são formativas e educativas ao mesmo passo, bem como fonte de pesquisa, reflexão e contribuição mútua entre a Universidade e a Sociedade.

Para Gadotti (2017), a ideia de curricularização não é nova, aparece nas metas 21 e 23 do Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010, na estratégia 7 da meta 12 do PNE 2014-2024, ganhando consolidação e força com a Resolução CNE nº 7 (Brasil, 2018), que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e orienta sua inserção obrigatória nos currículos dos cursos de Ensino Superior, com no mínimo dez por cento da carga-horária dos cursos de graduação.

Segundo Ujii, Batista e Cordeiro (2024), vivemos um momento novo com a curricularização da extensão, que nos convoca a inserção dessa dimensão como componente curricular obrigatório nos cursos superiores. Esse processo é vital para a reconciliação da extensão com a missão universitária, promoção do conhecimento e transformação social, abrangendo a reavaliação de sua prática e teoria em prol de uma educação superior mais integrada e conectada às demandas da sociedade.

Nessa direção, a ação extensionista do *EduCine* é percuciente à realidade da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), em específico ao Curso de Pedagogia do *Campus Paranavaí*, orientada pelo regulamento de extensão universitária (Resolução 042/2022 - CEPE/UNESPAR) e pelo Regulamento de Curricularização da Extensão Universitária (Resolução 34/2024 – CEPE/UNESPAR), documentos que pontuam a compreensão da extensão universitária como um trabalho interdisciplinar que visa favorecer uma visão integradora da dimensão social e humana, e, concebem a curricularização da extensão como “Ações Curriculares de Extensão (ACE)”, desenvolvidas nos componentes curriculares dos cursos de Graduação e Pós-Graduação da UNESPAR. Assim, evidencia-se:

As Ações Curriculares de Extensão (ACE) fazem parte dos componentes curriculares dos cursos de Graduação e Pós-graduação, em que discentes e docentes da Unespar, em uma relação dialógica com grupos da sociedade, atuam de forma ativa como integrantes de equipes executoras de ações de extensão, no âmbito da criação, tecnologia e inovação, promovendo o intercâmbio, a reelaboração e a produção de conhecimento sobre a realidade com a perspectiva de transformação social (UNESPAR, 34/2024, p. 2).

O exposto referenda a relação transformadora entre Universidade e Sociedade, bem como o princípio de dialogicidade e coparticipação no ato do conhecimento. Assim, compreende a ACE como ato articulista da missão universitária, na tríade ensino, pesquisa e extensão, aspectos orientadores na materialização do projeto *EduCine* que, por sua vez, aproxima a universidade de diferentes realidades escolares (sociedade), mobiliza a comunidade acadêmica, a pesquisa, planejamento, ensino e extensão ao colocar teoria em prática, utilizando a linguagem cinematográfica como instrumento de inserção social e aprendizagem para seu público-alvo em todas as escolas acolhedoras da intervenção.

Essa integração entre Universidade e Sociedade, promovida pelo projeto *EduCine*, não apenas reflete o compromisso com a transformação social, mas também fundamenta a ação extensionista em pilares teóricos essenciais. Nesse sentido, a próxima seção explora os conceitos que embasam essa ação, abordando a intersecção entre educação, cinema e os princípios atitudinais que norteiam o projeto.

## Educação, Cinema e Princípios Atitudinais: pressupostos

Compreendida a importância da extensão universitária e da curricularização da extensão na formação inicial em Pedagogia, é fundamental explorar os pressupostos teóricos que embasam a utilização do cinema como ferramenta educacional. A curricularização da extensão, enquanto pilar da missão universitária, tem como objetivo promover a interação entre a universidade e a sociedade, de forma ativa, crítica e consciente. Assim, para aprofundarmos essa discussão, é fundamental conceituarmos “educação”, “cinema”, “oralidade”, “educação científica” e “princípios atitudinais” e o faremos aqui a partir de uma perspectiva crítica e emancipatória, inspirada nos fundamentos da educação libertadora de Paulo Freire (1921-1997).

Nessa perspectiva, a educação é vista como um processo de conscientização e emancipação, que visa desenvolver a capacidade crítica e reflexiva dos indivíduos, permitindo que eles sejam sujeitos ativos de sua própria história. Nas palavras de Freire (2013, p. 127), “[...] a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. A educação é, portanto, um ato dialógico, em que educadores e educandos aprendem juntos, problematizando a realidade e buscando a transformação social.

O cinema é uma forma de expressão artística que utiliza imagens em movimento e som para contar histórias, transmitir mensagens e evocar emoções. Por meio da problematização de imagens e narrativas, pode tornar-se um recurso pedagógico no desenvolvimento integral dos alunos. Isso porque:

[...] o cinema constitui-se em uma matriz social singular de percepção, elaboração e transmissão de saberes e fazeres, possibilitando distintas formas de apreensão, compreensão e representação do mundo. Nesses termos, enquanto uma modalidade integrante do conhecimento humano, o cinema orienta e explica percursos individuais e grupais formados em ambiências em que a imagem em movimento constitui e possibilita aprendizados que passam a compor o estoque de experiências da sociedade (Silva, 2010, p. 161-162).

Os apontamentos de Silva (2010) revelam o cinema como uma poderosa matriz social e, ao reconhecer o cinema como uma modalidade integrante do conhecimento humano, o autor destaca seu potencial para formar e orientar percursos individuais e grupais. Além disso, a imagem possui maior impacto na evocação de emoções do que a palavra, tornando a linguagem cinematográfica um recurso significativo por sua capacidade de despertar sensações e sentimentos (Arroio; Giordan, 2006).

Nesse contexto, a Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014, ao tornar obrigatória a exibição de filmes nacionais nas escolas, impulsiona a utilização do cinema como recurso pedagógico, evidenciando sua importância para o processo educativo. A referida lei faz um acréscimo ao Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB 9394/96), “[...] para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica” (Brasil, 2014, Art. 1º). De modo que, segundo a LDB 9394/96, “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (Brasil, 1996, Art. 26, § 8º).

Embora a Lei nº 13.006/2014, ao tornar obrigatória a exibição de filmes nacionais nas escolas, represente um passo crucial para o uso do cinema como ferramenta pedagógica e para a valorização da cultura brasileira, é fundamental destacar que a importância do cinema na educação transcende

as fronteiras nacionais. Filmes internacionais, com suas narrativas e estéticas diversas, oferecem aos alunos a oportunidade de ampliar seu repertório cultural, desenvolver habilidades de análise crítica, aprimorar o aprendizado de línguas estrangeiras, abordar temas transversais relevantes e estimular a criatividade, complementando a formação integral proporcionada pelos filmes nacionais e enriquecendo a experiência educacional como um todo, posto que “[...] trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (Napolitano, 2008, p. 11).

Um filme pode atuar como um elemento introdutório para novos temas, despertando a curiosidade e motivação dos alunos, o que favorece o desejo de pesquisa e o aprofundamento do conteúdo programático (Ferrés, 1996). Nesse sentido, a utilização de filmes no ensino se mostra uma estratégia promissora, pois além de introduzir conteúdos, eles podem ser trabalhados interdisciplinarmente; subsidiar atividades extracurriculares, estimulando o interesse dos estudantes e fomentando sua autonomia. No entanto, para que esses benefícios sejam efetivos, é essencial o planejamento, articulando o filme a outros recursos e definindo sistematicamente seus objetivos pedagógicos.

Dessa forma, o planejamento pedagógico bem estruturado não apenas potencializa a eficácia do uso do filme como recurso didático, mas também contribui para o desenvolvimento de atitudes essenciais nos envolvidos no processo educativo. Nesse contexto, os princípios atitudinais tornam-se fundamentais, pois englobam as atitudes e comportamentos que são estimulados, desenvolvidos e fortalecidos ao longo da prática pedagógica. No projeto *EduCine*, esses princípios foram contemplados em duas frentes.

Em primeiro lugar, referem-se às atitudes dos acadêmicos de Pedagogia que participaram do projeto, que demonstraram capacidade de planejamento, criatividade e flexibilidade ao desenvolver um plano de ensino interdisciplinar que integrava conhecimento das disciplinas de Produção Textual e Metodologia da Pesquisa em Educação. Essas atitudes permitiram que os acadêmicos experenciassem o contexto escolar e desenvolvessem saberes importantes para a docência. Em segundo lugar, os princípios atitudinais também se referem às atitudes e aos comportamentos desenvolvidos pelas crianças que participaram do projeto. Ao trabalhar com obras cinematográficas, as crianças tiveram sua curiosidade aguçada, percepção, memória e registros incentivados. Essas atitudes são fundamentais para o desenvolvimento integral, no que tange habilidades cognitivas e linguísticas, e para a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

O *EduCine* reflete a perspectiva freiriana ao estruturar a aprendizagem como um processo dialógico que envolve múltiplos agentes: o professor universitário, o acadêmico de Pedagogia, a comunidade escolar e a criança-aluno. Para Freire (1967), a educação deve ser construída coletivamente, considerando a realidade dos sujeitos envolvidos para que o conhecimento faça sentido e promova a criticidade. Nesse contexto, o professor universitário atua como mediador, fomentando reflexões e incentivando o acadêmico a planejar e conduzir atividades pedagógicas que dialoguem com a experiência das crianças. O acadêmico, por sua vez, assume um papel consciente e protagonista ao construir estratégias interdisciplinares e estabelecer um vínculo com os estudantes, estimulando sua curiosidade e desenvolvimento integral. Essa relação em cadeia, fundamentada na troca de saberes, reforça o caráter não impositivo do conhecimento e a importância da participação ativa de todos no processo educativo, permitindo que o aprendizado ocorra de forma contextualizada, crítica e significativa:

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (Freire, 1987, p. 38).

Assim, no *EduCine*, a relação entre o professor universitário, o acadêmico e a criança reflete a concepção freiriana de que a libertação autêntica não é algo depositado nos sujeitos, mas sim uma práxis que envolve ação e reflexão sobre a realidade para transformá-la.

A oralidade, conforme perspectiva freiriana, transcende a mera comunicação, constituindo-se no cerne do diálogo, da conscientização e da transformação social. Através da interação dialógica, educadores e educandos trocam experiências, constroem conhecimento e tomam consciência de suas realidades, empoderando-se para questionar e transformar o mundo circundante (Freire, 1967). A oralidade, portanto, representa a expressão da cultura, da identidade e da resistência dos grupos sociais, sendo uma prática libertadora que capacita os indivíduos a darem voz às suas vivências, romperem com a opressão e se tornarem agentes de sua própria história. Nesse sentido, a linguagem oral pode ser compreendida como:

[...] uma atividade livre e se inicia desde os primeiros meses, quando o bebê emite sons evidenciando a comunicação entre os que estão próximos. Aos poucos esses balbucios vão se tornando palavras, frases, e a criança se comunica definitivamente com o mundo ao seu redor, e quanto mais a criança exercita a fala, mais ela se aprimora e percebe o uso social da fala. A linguagem oral da criança tem de ser trabalhada desde o início de sua vida. Na escola, esse trabalho é determinante (Chaer; Guimarães, 2012, p. 87).

Ao pensarmos no trabalho determinante que a escola assume frente ao uso da fala, nos remetemos à ideia de que a instituição de ensino tem um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem oral da criança, oferecendo um espaço rico em estímulos e oportunidades para que ela possa se expressar, interagir e aprimorar suas habilidades comunicativas. A oralidade não deve ser vista apenas como um meio para a aquisição da escrita, mas como uma competência basilar para o desenvolvimento do pensamento crítico, da comunicação e da interação social, perpassando todas as áreas do conhecimento.

Nesse contexto, Frade, Val e Bregunci (2014) definem a oralidade como elemento primordial da comunicação humana, manifestando-se em diferentes práticas sociais e discursivas. Segundo elas, mais do que a simples produção e escuta da fala, a oralidade envolve sujeitos ativos que interagem em contextos variados, seja em ambientes públicos ou privados, utilizando registros formais ou informais da língua. Essa característica evidencia a natureza dinâmica da oralidade, que não se limita à transmissão de informações, mas se constrói na relação entre os interlocutores e suas intenções comunicativas.

A aprendizagem da oralidade, especialmente na infância, é um processo indispensável para o desenvolvimento global da criança. A oralidade não se restringe à fala, tem dimensão articulada à escuta, à compreensão, à interpretação e à produção de textos orais, que são habilidades importantes que se desenvolvem ao longo da infância. A escola, portanto, deve oferecer oportunidades para que a criança desenvolva esses campos e, nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) dispõe que:

[...] a aprendizagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto. Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (Brasil, 1998a, p. 120).

Essa citação do RCNEI reforça a ideia de que a oralidade se desenvolve a partir da interação em diferentes situações e contextos. Quanto mais a criança é exposta a diferentes formas de comunicação oral, mais ela aprimora suas habilidades e enriquece seu repertório social, cultural e linguístico. Portanto, a escola deve promover atividades que estimulem a oralidade em suas diversas dimensões, como rodas de conversa, contação de histórias, dramatizações, debates, leitura de poesias e músicas, oficinas, filmes, projetos de extensão, entre outras. Ao oferecer um ambiente acolhedor e estimulante, a escola contribui para que a criança se sinta segura para ser criança, se expressar e interagir em diferentes circunstâncias, pois:

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. De nada adianta aceitar o aluno como ele é, mas não lhe oferecer instrumentos para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade (Brasil, 1997, p. 38).

Entender a oralidade implica em ir além da análise da materialidade da fala. A comunicação oral ocorre em um cenário sociocultural específico, onde a fala se combina com elementos como ritmo, entonação e volume, além de estar entrelaçada a outros sistemas semióticos, como gestos, expressões faciais, imagens e até mesmo a escrita. Destarte, o corpo também se torna parte da interação discursiva, transmitindo emoções e estados de espírito que impactam diretamente o desenrolar e na interpretação da comunicação. Por isso, a oralidade não pode ser vista de forma isolada, mas como um fenômeno complexo e multimodal, no qual os interlocutores influenciam mutuamente a construção do discurso e a oralidade é pauta significativa da linguagem cinematográfica (Frade; Val; Bregunci, 2014).

Diante dessa complexidade, o ensino da oralidade na escola exige uma abordagem cuidadosa. Quando a criança ingressa no ambiente escolar, ela já está inserida em circunstâncias mediadas pela sua língua materna. Contudo, a oralidade que precisa ser desenvolvida na escola vai além da comunicação espontânea e informal. O desafio consiste em desenvolver a proficiência dos alunos em gêneros orais formais e públicos, que exigem um conhecimento específico e estratégias discursivas mais elaboradas. Apenas estimular a conversa entre alunos não garante um ensino sistemático da oralidade; é necessário criar oportunidades para que os estudantes pratiquem formas de comunicação que ultrapassem o cotidiano e se aproximem dos usos exigidos em contextos mais formais.

Dessa maneira, a oralidade deve ser compreendida como um processo interativo e multimodal, que se constitui na relação entre fala, escuta, corpo e outros recursos semióticos. No contexto escolar, é substancial que seu ensino seja planejado de forma a ampliar as possibilidades comunicativas dos alunos, preparando-os para diferentes situações da vida pública/pessoal e acadêmica, pois estamos na permanente dependência dos símbolos verbais e, por esse motivo, o desenvolvimento da linguagem é elemento essencial à sua perfeita realização na sociedade.

Dessa forma, ao reconhecer a oralidade como um processo interativo e multimodal, torna-se evidente a necessidade de integrá-la a práticas pedagógicas que estimulem a construção do conhecimento por meio da comunicação e da expressão. Nesse contexto, a pesquisa e a investigação científica aparecem como elementos imprescindíveis à potencialização dessa interação, permitindo que os alunos desenvolvessem não apenas intelecções linguísticas, mas também um olhar crítico sobre o mundo. Assim, a conexão entre linguagem e Ciência na Educação Básica fortalece a aprendizagem, promovendo um ambiente em que a curiosidade e a argumentação são incentivadas desde os primeiros anos de escolarização.

A educação científica na infância é um dos eixos para a formação de cidadãos críticos, investigativos e autônomos. Segundo Moss (2002) e Gobbi (2010), desde os primeiros anos de escolarização, as crianças são naturalmente curiosas e investigativas, características que, quando estimuladas conscientemente, podem consolidar uma base consistente para o pensamento científico ao longo da vida. Desde cedo, elas questionam o mundo ao seu redor, explorando fenômenos naturais, sociais, culturais e tecnológicos por meio do constante uso do “Por quê?” (Rinaldi, 2016).

Nesse sentido, a integração da disciplina de Metodologia da Pesquisa em Educação e Produção Textual no projeto de extensão *EduCine* se apresenta como um avanço significativo para a formação docente e para a promoção de uma educação científica desde os primeiros anos de escolaridade. Para além disso, desperta o senso crítico, evidenciando que essa disposição investigativa é não apenas possível, mas essencial. Para que se desenvolva e se mantenha nos ambientes e nas práticas escolares, é fundamental a criação e organização de espaços e metodologias que estimulem a pesquisa e o pensamento crítico desde a infância, reverberando na formação inicial e continuada dos docentes.

A ação do projeto *EduCine* não apenas valida a relevância da educação científica na infância, como também potencializa a formação inicial dos acadêmicos e promove uma abordagem inovadora e interdisciplinar do ensino com pesquisa. Integrar a metodologia da pesquisa ao cotidiano escolar desde os primeiros anos significa abrir caminhos para uma educação mais crítica, participativa e alinhada às necessidades contemporâneas da sociedade. Ao unir pesquisa, oralidade e cinema, o projeto demonstrou que a investigação científica pode – e deve – ser cultivada desde os primeiros anos escolares.

Na perspectiva do *EduCine*, os princípios atitudinais estão relacionados à postura dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem por meio do cinema, do uso da linguagem oral em sala, em prol da educação científica e formação global. Esses princípios dizem respeito a valores, disposições e atitudes que favorecem uma experiência educativa crítica e transformadora. Dentre eles, destacamos aqueles que entendemos ser primordiais:

- a. **A escuta sensível e a empatia** – No *EduCine*, a escuta sensível se manifestou na atenção ao que os filmes expressam e na interação entre acadêmicos e crianças. Esse princípio incentivou os participantes a compreender diferentes realidades e perspectivas, promovendo o diálogo respeitoso e a troca de experiências dentro e fora da sala de aula.
- b. **A curiosidade e abertura ao novo** – O *EduCine* valoriza o cinema como um convite à descoberta. A curiosidade dos acadêmicos e das crianças impulsiona a exploração de diferentes gêneros, estilos e narrativas, ampliando não apenas o repertório cinematográfico, mas também a capacidade de questionamento e análise sobre o mundo ao seu redor.
- c. **A reflexão crítica** – Mais do que assistir a filmes, o *EduCine* incentivou acadêmicos e crianças a interpretá-los criticamente, relacionando suas temáticas com questões sociais, científicas, políticas, tecnológicas e culturais. Esse princípio promoveu a leitura além das imagens, estimulando debates que fortalecem o pensamento crítico e a argumentação.

- d. A expressão e criatividade** – A experiência cinematográfica no *EduCine* não se limitou ao ato de assistir; ela também inspirou a produção criativa. Seja por meio da oralidade, desenho ou da escrita, acadêmicos e crianças foram incentivados a recriar histórias, interpretar personagens e ressignificar narrativas com base em suas próprias vivências e imaginário.
- e. O respeito à diversidade** – O cinema permite que acadêmicos e crianças entrem em contato com diferentes culturas, modos de vida e histórias. No *EduCine*, esse princípio reforçou a valorização da diversidade e a compreensão das múltiplas formas de existir no mundo, tornando o espaço educativo mais inclusivo e acolhedor.
- f. O engajamento e protagonismo** – No *EduCine*, os acadêmicos não foram apenas mediadores, e as crianças não foram apenas espectadoras: ambos protagonizaram o processo. Esse princípio incentivou a participação ativa na experiência cinematográfica, seja na análise dos filmes, na produção de conteúdo ou na condução de discussões, promovendo autonomia e envolvimento genuíno com o aprendizado.
- g. O desenvolvimento da oralidade** – O *EduCine* transformou a experiência do cinema na sala de aula em um espaço de fala e escuta ativa. Para os acadêmicos, esse princípio fortaleceu a prática docente e a mediação de debates. Para as crianças, estimulou a expressão verbal, permitindo que compartilhassem suas percepções, elaborassem argumentos e ampliassem sua capacidade comunicativa a partir dos filmes assistidos.
- h. A pesquisa como fundamento da prática educativa** – Este princípio reconheceu a pesquisa como a base do *EduCine*, guiando a escolha dos filmes, a adequação às faixas etárias e a relação entre cinema e oralidade. A disciplina de Metodologia da Pesquisa em Educação foi essencial nesse processo, auxiliando acadêmicos na elaboração e formatação dos relatórios e do plano de ensino das oficinas. Sobretudo, os princípios básicos da investigação científica – curiosidade, problematização, observação, comprovação e registro – foram vivenciados tanto pelos acadêmicos quanto pelas crianças, fortalecendo o pensamento crítico e a aprendizagem significativa.

Dessa forma, os princípios atitudinais do projeto referem-se às disposições, valores e posturas que orientam a experiência educativa mediada pelo cinema. Esses princípios transcendem a simples fruição da obra fílmica, configurando-se como elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma aprendizagem crítica, sensível e reflexiva. Assim, a inserção do cinema no contexto educacional demanda uma postura ativa e engajada por parte dos sujeitos envolvidos no processo.

O audiovisual representa para a língua falada o que o livro representa para a língua escrita. [...] Uma das mais ricas possibilidades que a televisão tem a oferecer para a Educação é a do estudo da língua. Talvez porque a língua seja, ou assim se pode considerar, o mais importante dos temas transversais, aquele que perpassa todos os demais temas de que trata a escola. Portanto, é fundamental que se busque obter uma profunda compreensão da língua, sendo este um dos principais esforços que a escola deve empreender. Trabalhar com a língua materna significa, antes de tudo, compreender como o processo de codificação de sinais sonoros que compõem essa língua pode concorrer para a estruturação do pensamento, para a ordenação da comunicação pessoal e em grupo e, sobretudo, para a construção de um sentido de grupo e nação, ou seja, daquilo que é próprio, no caso do Brasil, da brasilidade (Brasil, 1998b, p. 32).

Neste contexto, ao considerar o impacto do audiovisual na formação integral, o *EduCine* surge

como um espaço privilegiado para explorar as potencialidades do cinema enquanto ferramenta pedagógica, pois não apenas promove o desenvolvimento da oralidade e da expressão verbal, mas também a construção de um pensamento crítico e reflexivo, estimulando nos acadêmicos e nas crianças uma compreensão mais profunda da língua e da cultura. Dessa forma, a prática pedagógica mediada pelo cinema no *EduCine* integra os princípios de escuta, criatividade e respeito à diversidade, contribuindo para uma educação mais inclusiva, criativa e transformadora, visto que “O estudo da Língua Portuguesa em suas ricas e diversas formas é, portanto, uma das maiores contribuições que o uso dos meios audiovisuais pode possibilitar à escola” (Brasil, 1998b, p. 33), evidenciando como o cinema pode enriquecer o processo de ensino da língua e fortalecer a formação humana e integral.

Com base nos pressupostos de que a educação pode ser utilizada para desenvolver habilidades, conhecimentos e valores individuais e coletivos, de que o cinema pode ser uma ferramenta eficaz para promover a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e linguísticas e, de que é importante desenvolver atitudes e comportamentos que permitam aos indivíduos se tornarem sujeitos ativos de sua própria história seja na Educação Básica ou no Ensino Superior, esse estudo explora a relação entre educação, cinema, oralidade, educação científica e princípios atitudinais, oferecendo um relato de experiência a partir da execução de um projeto de curricularização extensão que detalharemos.

### **Projeto EduCine: configuração e consolidação**

Em relação à práxis, entendida como a ação-reflexão-ação, pilar da pedagogia freiriana, baseada na reflexão crítica sobre a realidade e na ação transformadora, o *EduCine* configurou um campo de aplicação profícuo e fecundo. O projeto estimulou a ação social, levando os participantes a materializarem os conhecimentos e valores aprendidos na universidade e levados à sociedade, versando sobre temas como a diversidade cultural, a inclusão social, os sentimentos e os direitos humanos.

Assim como Freire (1996) preconizava a educação como um ato dialógico, o *EduCine* promoveu um espaço de diálogo e reflexão crítica. O cinema, como ferramenta para o diálogo e a reflexão consciente sobre temas relevantes, promove a troca de experiências e a construção conjunta de conhecimento. Os debates após as exibições dos filmes são espaços privilegiados para o diálogo e a problematização, onde os participantes podem expressar suas opiniões, confrontar diferentes perspectivas e aprofundar a compreensão dos temas abordados. A partir dessa linguagem universal que é o cinema, é possível suscitar a problematização da realidade, aspecto central na pedagogia freiriana para a promoção da transformação social.

A educação libertadora de Freire (1967) encontra ressonância no *EduCine*. Focado na autonomia e emancipação da fala, escuta e na participação, o projeto permitiu aos participantes desenvolverem sua capacidade de expressão, argumentação e reflexão crítica, alinhando-se com a visão freiriana de uma educação que liberta e emancipada. Ao estimular a oralidade e a reflexão crítica, o *EduCine* contribui para a formação de sujeitos autônomos e engajados, protagonistas de suas próprias histórias e agentes de transformação social.

A escolha de filmes que abordam temas significativos para a realidade e faixa etária dos participantes, como o racismo, desigualdade social, *bullying*, meio ambiente, diversidade cultural e direitos humanos, ecoa a utilização de temas geradores de ancoragem freireana. Ao trazer para a sala de aula o debate a partir de recursos imagéticos, audiovisuais e da valorização da fala da criança,

o *EduCine* facilita a conexão entre o conteúdo dos filmes e a realidade dos participantes, tornando o aprendizado mais significativo e relevante. A escolha de trabalhar com esses temas específicos se justifica pela necessidade de formar pedagogos conscientes e engajados com as problemáticas sociais contemporâneas e abordagem CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), capazes de atuar de forma crítica e transformadora em suas futuras práticas profissionais, alinhando essas demandas aos conteúdos específicos do currículo, de modo que os recursos cinematográficos funcionem como ponto de partida, como plano de fundo para a apresentação e aprofundamento do conhecimento científico (Ujiie, 2019).

Ao discutir questões emocionais, culturais, sociais e ambientais, os participantes são convidados a refletir sobre seus próprios valores e preconceitos, desenvolvendo habilidades de argumentação, empatia e respeito às diferenças. Acreditamos que ações como essa, mediadas pela linguagem do cinema, contribuem para a formação de profissionais mais humanos, sensíveis e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e, conseqüentemente, para a formação escolar cidadã. A escolha de trabalhar assim foi inspirada nos temas geradores, prática pedagógica freireana que consiste em identificar temas centrais na vida dos educandos e utilizá-los como ponto de partida para a reflexão crítica e a construção do conhecimento.

Para além disso, acreditamos que o *EduCine*, ao promover a reflexão crítica sobre temas diversos relacionados à realidade das crianças, extrapolou a dimensão pedagógica e se configurou como um ato político. Isso porque, para Freire (1987, p. 46), os homens são educados por meio do diálogo e “[...] se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem [...] os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Inspirados pela visão de Paulo Freire, que compreendia a educação como uma ferramenta de transformação social, buscamos formar cidadãos capazes de questionar a realidade, defender seus direitos e engajar-se na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Isso porque, por meio de práticas de oralidade, as crianças foram conscientizadas da importância de sua participação em sala, de ouvir o outro e ser ouvida, ter coragem para discordar ou complementar a fala ou ideia de um colega, e de que a sala de aula é um coletivo, um espaço que não se aparta da vida, que não é cárcere. É janela aberta, é ponte.

O projeto alicerçou-se na concepção de que a linguagem cinematográfica pode ser um recurso pedagógico potente para o desenvolvimento da oralidade, da formação atitudinal e da investigação científica desde a Educação Básica. Desde sua implementação, o *EduCine* consolidou-se como um espaço de interlocução entre a universidade e a comunidade escolar. Em sua trajetória, a iniciativa impactou diretamente oito municípios do Noroeste do Paraná e estruturou-se em três eixos principais: planejamento, execução e avaliação, garantindo um percurso formativo que integrasse os acadêmicos do curso de Pedagogia à prática docente e à pesquisa.

No planejamento, a equipe organizadora realizou visitas às instituições de ensino parceiras para compreender suas necessidades e adequar as ações pedagógicas ao contexto escolar. Paralelamente, os acadêmicos de Pedagogia, sob orientação docente, selecionaram filmes alinhados às faixas etárias das crianças, às sugestões/demandas/currículo das escolas e aos objetivos formativos do projeto. Essa etapa demandou não apenas uma curadoria cuidadosa dos materiais audiovisuais e de fundamentação, mas também o desenvolvimento de estratégias didáticas que estimulassem o pensamento crítico e a oralidade dos estudantes.

Durante as intervenções do projeto, as atividades foram planejadas para simular uma sala de

cinema dentro das escolas. Os acadêmicos de Pedagogia, ao vivenciarem a realidade das instituições municipais de Paranaíba e região, adaptaram os espaços escolares com os recursos disponíveis e acessíveis, recriando a atmosfera de uma exibição cinematográfica. Para muitas crianças participantes essa foi a primeira experiência com o cinema, uma vez que grande parte delas nunca teve a oportunidade de frequentar uma sala de exibição real. Assim, a proposta de imersão tornou-se ainda mais significativa, proporcionando um momento único de encantamento e aprendizado. Já para os acadêmicos, o desafio foi recriar os aspectos característicos do cinema – iluminação, tela, disposição dos assentos, qualidade do áudio e até mesmo a oferta de comidas típicas, como pipoca e suco – garantindo que a experiência fosse completa e envolvente. Esse esforço não apenas ampliou o repertório cultural das crianças, mas também fortaleceu nos acadêmicos a criatividade, a adaptação a diferentes contextos educacionais e a valorização da oralidade como ferramenta essencial no processo de ensino-aprendizagem. A Figura 1 a seguir ilustra aspectos de planejamento e consolidação da atividade.

**Figura 1:** Momentos *EduCine*: ingresso, dinheiro fictício e um ambiente temático



Fonte: Acervo das autoras, ano letivo 2024.

A execução do *EduCine* teve como ponto central a realização de sessões fílmicas temáticas, nas quais as crianças participaram de uma experiência imersiva, desde a simulação de bilheteria e compra de ingressos até a exibição e discussão dos filmes. A abordagem dialógica permitiu que os acadêmicos atuassem como mediadores, fomentando a construção coletiva de sentidos a partir das narrativas fílmicas. Além disso, os princípios da investigação científica foram incorporados às atividades, levando as crianças a formularem perguntas, registrarem percepções e analisarem elementos da linguagem audiovisual.

Os acadêmicos foram organizados em pequenos grupos, compostos por trios e/ou quartetos, para garantir uma abordagem mais dinâmica e colaborativa durante a execução do projeto. Nas visitas iniciais às escolas, foi estabelecido um diálogo aberto com os profissionais da educação para

compreender as demandas e sugestões de cada instituição. Paralelamente, em sala de aula, durante as disciplinas de Produção Textual e Metodologia da Pesquisa em Educação, e em parceria com as professoras, os acadêmicos elaboraram uma lista preliminar de filmes que gostariam de trabalhar com as crianças. No entanto, essa seleção foi revisitada coletivamente, de modo que as sugestões das escolas fossem incorporadas ao planejamento.

Após essa deliberação, os acadêmicos se dedicaram à análise dos filmes escolhidos, explorando suas narrativas, enredos, vocabulário, temáticas e a relação com conteúdos curriculares e abordagem CTS. O objetivo era que a experiência cinematográfica fosse mais do que uma atividade lúdica, mas também uma ferramenta pedagógica que contribuísse para o desenvolvimento integral das crianças e estimulasse sua participação, especialmente por meio da oralidade. Assim, cada grupo passou a elaborar atividades voltadas para a prática oral, buscando formas criativas de incentivar a curiosidade, a observação, a memória, a percepção, os ritmos de fala e a participação ativa das crianças. Além disso, os acadêmicos deveriam pensar em estratégias para que as crianças registrassem suas experiências, fosse por meio da livre escrita, desenho, ilustração ou oralização, além dos registros fotográficos das atividades.

Com as ideias estruturadas, os grupos se reuniram para planejar suas ações e definir intencionalidades pedagógicas, organizando-se em torno de aspectos essenciais como conteúdos, objetivos, metodologias, recursos e formas de avaliação. O resultado desse processo foi a elaboração de um plano de ensino sistematizado, que reuniu todas as estratégias e diretrizes para a realização das intervenções, garantindo coerência entre teoria e prática e fortalecendo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão no contexto do projeto *EduCine*.

Todo esse processo foi mediado pelas professoras das disciplinas, que acompanharam de perto as etapas de planejamento, oferecendo correções, sugestões e orientações para aprimorar as propostas pedagógicas. Após a finalização da estruturação do plano de ensino, os acadêmicos iniciaram a produção das atividades e da ambientação do espaço, cuidando de cada detalhe para recriar a experiência de um cinema dentro da escola. Para isso, confeccionaram cenários, ingressos, dinheirinhos, bilheteria e demais elementos que compõem a vivência cinematográfica. Além disso, providenciaram os alimentos típicos de uma sessão de cinema, como pipoca e suco, para tornar a experiência ainda mais imersiva. No entanto, houve variações nas condições de cada escola: enquanto algumas instituições puderam fornecer materiais e alimentos, outras não tiveram essa possibilidade, o que demandou uma adaptação criativa dos acadêmicos para garantir que todas as crianças pudessem participar plenamente da experiência.

Uma das estratégias adotadas para estimular a participação ativa das crianças foi a criação de cédulas falsas personalizadas, chamadas de dinheirinhos. Produzidas em tamanho e coloração diferenciadas, essas cédulas lúdicas foram planejadas para que as crianças se envolvessem de maneira mais significativa com a experiência cinematográfica e pudessem exercer sua consciência matemática e financeira. Um mês antes da aplicação do projeto, as professoras regentes das turmas que acomodaram o *EduCine* receberam um pacote com essas cédulas de brinquedo. Cada criança recebeu uma quantia inicial e teve a oportunidade de aumentar seu saldo ao longo das semanas seguintes.

Para isso, as professoras estipularam critérios de participação, incentivando bons hábitos e responsabilidades diárias. As crianças que cumprissem determinadas tarefas, como realizar as lições de casa, trazer todo o material do dia, lembrar da garrafinha de água, eram recompensadas com cédulas adicionais. Essa dinâmica incentivou o engajamento e a autonomia, tornando a chegada do dia do cinema ainda mais esperada.

No dia da sessão, os dinheirinhos foram utilizados pelas crianças para comprar pipoca, pirulito, algodão doce e suco, simulando a experiência de uma bilheteria real (em algumas escolas, o cardápio foi complementado de acordo com a temática fílmica, ou personalizado conforme solicitação da equipe pedagógica). Essa estratégia não apenas aproximou a vivência da realidade de um cinema, mas também contribuiu para o desenvolvimento de habilidades sociais, organização e noção de valor, de maneira lúdica e interativa.

Com relação ao desenvolvimento das práticas, as sessões foram ambientadas. Entre os filmes utilizados estiveram *Divertida Mente*, *Divertida Mente 2*, *Rio*, *Gato de Botas 2: O Último Pedido*, *Wall-E*, *Tainá: A Origem*, *Trolls* e outros.

A execução das atividades seguiu uma estrutura planejada, com a preparação do ambiente antes da exibição do filme, acolhida dos alunos, apresentação do contexto da obra cinematográfica e estímulo à interação. Após a exibição, foram realizadas rodas de conversa para que os alunos compartilhassem suas impressões sobre os temas abordados. Dinâmicas interativas foram adaptadas para contemplar os princípios da educação científica:

- Curiosidade: os alunos foram incentivados a formular perguntas e hipóteses sobre os temas apresentados nos filmes;
- Problematização: debates foram conduzidos para que as crianças relacionassem os conteúdos cinematográficos com situações reais e desafios sociais;
- Observação: atividades práticas, como análise de cenas e identificação de elementos científicos nos filmes, foram realizadas para estimular o olhar crítico;
- Comprovação: a partir de *frames*, os alunos foram instigados a observar detalhes e mensagens subliminares, depois foram questionados, voltando ao *frame* para comprovar as hipóteses;
- Registro: os alunos documentaram suas descobertas por meio de desenhos, escritas espontâneas e direcionadas e relatos orais.

Portanto, cada um dos filmes elegido foi utilizado estrategicamente para estimular a oralidade por meio de atividades que incentivaram a escuta ativa, o diálogo, a argumentação e a expressão oral das crianças. Os filmes serviram de ponto de partida e de plano de fundo para a promoção da escuta ativa, da argumentação, da expressão oral e da construção coletiva do conhecimento, vinculando essas práticas aos princípios da educação científica, como a curiosidade, a problematização, a observação, a comprovação e o registro. A figura 2 ilustra momentos de práticas pedagógicas realizadas no decurso do projeto.

**Figura 2:** Exemplos de algumas das práticas pedagógicas de oralidade e interação.

Fonte: Acervo das autoras, ano letivo 2024

Os filmes *Divertida Mente* e *Divertida Mente 2* desenvolveram a oralidade por meio da identificação e nomeação das emoções. Após a exibição, os alunos participaram de rodas de conversa em que relataram momentos em que experimentaram sentimentos semelhantes aos da personagem. A dramatização de emoções também foi explorada como estratégia para ampliar o repertório linguístico e expressivo das crianças. Além disso, a observação de suas próprias reações emocionais permitiu que os alunos verbalizassem suas percepções, promovendo a reflexão sobre os estados internos e a importância da regulação emocional no convívio social. Dessa forma, esses filmes contribuíram para a curiosidade e o registro, uma vez que os estudantes foram incentivados a documentar suas emoções por meio de relatos orais e escritos.

No caso do filme *Rio*, a oralidade foi incentivada a partir de discussões sobre a biodiversidade e a cultura brasileira. As crianças foram instigadas a compartilhar suas experiências sobre o contato com a natureza e os animais, relacionando-as com os temas abordados no filme. Além disso, a contação de histórias sobre o meio ambiente foi utilizada para fomentar o desenvolvimento da escuta ativa e da argumentação. Essa abordagem fortaleceu os princípios da observação e da problematização, uma vez que os alunos foram estimulados a refletir sobre a preservação ambiental e a expressar possíveis soluções para a proteção da fauna e flora brasileiras.

A exibição de *Gato de Botas 2: O Último Pedido* permitiu o desenvolvimento da oralidade a partir de debates sobre coragem, medo e superação. Os alunos compartilharam situações em que enfrentaram desafios semelhantes aos do protagonista, ampliando sua capacidade de expressão e reflexão. A problematização esteve presente ao longo da atividade, pois as crianças foram levadas a levantar hipóteses sobre as motivações e escolhas dos personagens, comparando-as com experiências do cotidiano. A comprovação também foi trabalhada na medida em que os alunos analisaram as estratégias utilizadas pelo personagem para lidar com seus medos e refletiram sobre a aplicabilidade dessas estratégias em suas próprias vivências.

O filme *Wall-E* foi utilizado para abordar questões relacionadas à sustentabilidade e à preservação

ambiental. Durante a atividade, os alunos participaram de uma roda de conversa em que compartilharam suas percepções sobre a poluição e o impacto das ações humanas no meio ambiente. A oralidade foi estimulada por meio da proposição de soluções para a redução do lixo e da degradação ambiental, bem como da dramatização de situações relacionadas ao cuidado com o planeta. Os princípios da problematização e da observação foram amplamente explorados, pois os estudantes relacionaram os desafios apresentados no filme com a realidade ambiental atual, discutindo formas concretas de mitigação dos impactos ambientais.

A valorização da cultura indígena e o reconhecimento da diversidade foram os focos do trabalho com o filme *Tainá: A Origem*. Após a exibição, os alunos participaram de atividades de reconto da história, dramatizações e relatos orais sobre os aprendizados adquiridos. A oralidade foi incentivada por meio da troca de conhecimentos sobre a cultura indígena, permitindo que as crianças verbalizassem suas impressões e comparassem as tradições indígenas com elementos de suas próprias culturas. O registro e a observação foram promovidos à medida que os alunos documentaram oralmente e graficamente as informações assimiladas durante as atividades.

O filme *Trolls* foi trabalhado com o objetivo de desenvolver a oralidade por meio da expressão musical e do trabalho em grupo. As crianças participaram de rodas de conversa sobre amizade e resolução de conflitos, sendo incentivadas a utilizar a fala como ferramenta para solucionar desentendimentos e fortalecer os laços interpessoais. A oralidade também foi promovida por meio da criação de canções e narrativas inspiradas na história do filme, favorecendo a criatividade e a fluidez verbal. A curiosidade e o registro foram estimulados, uma vez que os alunos tiveram a oportunidade de expressar suas ideias e sentimentos por meio da linguagem oral e musical.

A avaliação foi realizada por meio da observação da participação dos alunos nas rodas de conversa, dinâmicas e atividades propostas (Figura 3). Foram analisados o engajamento, a coerência dos discursos, a capacidade de escuta e argumentação, bem como o respeito às opiniões alheias e diversas.

**Figura 3:** Exemplos de algumas das práticas pedagógicas avaliativas.



Fonte: Acervo das autoras, ano letivo 2024.

Os resultados mostraram um avanço significativo na expressão oral dos alunos, que demonstraram maior segurança ao falar e interagir com os colegas e acadêmicos. Além disso, o projeto possibilitou a ampliação do vocabulário, o desenvolvimento do pensamento crítico e o fortalecimento do aprendizado por meio da interdisciplinaridade. Além do desenvolvimento da oralidade, foi possível observar que os alunos aprimoraram sua capacidade de questionamento e análise científica, demonstrando maior autonomia para formular hipóteses e buscar respostas para os problemas levantados.

Logo, o projeto *EduCine* se mostrou uma estratégia possível e eficaz para o fortalecimento da oralidade e da educação científica na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, promovendo uma aprendizagem significativa por meio do cinema. A abordagem interativa permitiu que os alunos se engajassem ativamente no processo educativo, demonstrando avanços expressivos na comunicação oral e na construção do conhecimento científico. A incorporação dos princípios da educação científica fortaleceu o processo de ensino-aprendizagem, tornando os alunos mais críticos, investigativos e participativos em seu percurso educacional. Além disso, ao integrar a curricularização da extensão, o projeto reforça o papel da universidade como agente de transformação social, proporcionando experiências pedagógicas inovadoras e alinhadas às diretrizes da formação de professores.

Ao longo de sua ação, o *EduCine* consolidou-se não apenas como um projeto de extensão, mas como uma experiência transformadora para os envolvidos. Ao integrar pesquisa, ensino e extensão, a iniciativa fortaleceu a formação inicial dos acadêmicos de Pedagogia, possibilitou o contato direto com a realidade escolar e promoveu a valorização do cinema como ferramenta didática. O impacto positivo e o alcance do projeto na região Noroeste do Paraná reafirma a importância de ações extensionistas que aproximem a universidade das demandas sociais, ampliando as possibilidades de ensino e aprendizagem de forma inovadora e significativa.

### Considerações Finais

O projeto *EduCine* abordou temas essenciais para o desenvolvimento da oralidade e da educação científica, promovendo reflexões sobre questões CTS. A inteligência emocional foi trabalhada com os filmes *Divertida Mente* e *Divertida Mente 2*, incentivando os alunos a reconhecer e expressar suas emoções. A valorização da cultura e identidade brasileira esteve presente em *Rio* e *Tainá: A Origem*, que estimularam debates sobre a biodiversidade e as tradições indígenas. Questões ambientais e sustentabilidade foram exploradas com *Wall-E*, levando os alunos a refletirem sobre o impacto do lixo e do consumo excessivo. O tema da superação e coragem foi discutido a partir de *Gato de Botas 2: O Último Pedido*, permitindo que as crianças compartilhassem experiências sobre enfrentar medos. Por fim, *Trolls* trouxe à tona a importância da amizade, do respeito às diferenças e do trabalho em equipe. Através dessas narrativas, os alunos foram incentivados a se expressar, argumentar e refletir sobre o mundo ao seu redor, fortalecendo suas habilidades de comunicação, pensamento crítico, relação homem-meio.

A participação no *EduCine* permitiu aos acadêmicos vivenciar, na prática, a importância da investigação científica e da escuta ativa das crianças, possibilitando uma compreensão mais aprofundada das realidades escolares. Ao integrar a pesquisa como parte da rotina educacional, o projeto não apenas ampliou as possibilidades metodológicas para o ensino, mas também incentivou o desenvolvimento de um olhar sensível e reflexivo nos futuros professores, fortalecendo a construção de abordagens que respeitam a curiosidade infantil e promovam a autonomia intelectual.

A oralidade, como uma das principais formas de expressão e construção do pensamento, assumiu papel central no projeto, sendo trabalhada de maneira integrada à investigação científica. Conforme apontam Moss (2002) e Gobbi (2010), a linguagem oral permite que o pensamento se manifeste e se reconstrua, possibilitando que as crianças articulem hipóteses, compartilhem descobertas e participem ativamente do processo investigativo. Dessa forma, ao associar oralidade e pesquisa científica, o *EduCine* ampliou as possibilidades comunicativas dos alunos, preparando-os para diferentes contextos sociais e educativos.

Além disso, a abordagem interdisciplinar do projeto destacou-se ao explorar diferentes linguagens, permitindo que os estudantes experimentassem múltiplas formas de expressão e construção do conhecimento. O cinema, por seu potencial artístico e comunicativo, revelou-se um recurso valioso para instigar a análise crítica e estimular a criatividade, tornando o aprendizado mais significativo. Nesse sentido, a Lei nº 13.006/2014, ao integrar o cinema ao currículo escolar, amplia o acesso dos alunos a recursos audiovisuais, promovendo a formação cultural e a reflexão sobre a realidade. O contato com diferentes narrativas possibilita aos estudantes não apenas enriquecer sua compreensão de mundo, mas também exercitar a empatia e desenvolver um repertório crítico mais amplo.

Dentre os princípios fundamentais do *EduCine*, destacam-se a escuta sensível, a problematização e o trabalho com questões CTS, permitindo ao espectador compreender subjetividades e realidades diversas, deslocando sua perspectiva e promovendo o respeito à diversidade e a formação integral. A análise cinematográfica no contexto educativo deve ir além da narrativa explícita, considerando os elementos simbólicos, políticos e ideológicos que permeiam as obras. Assim, leituras e releituras de obras cinematográficas permitem que os estudantes não apenas consumam o cinema, mas também se apropriem de sua linguagem para elaborar suas próprias narrativas. Essa prática reforça o protagonismo estudantil, tornando o aprendizado mais ativo e conectado às vivências.

Outro aspecto central do projeto foi a curricularização da extensão, que possibilitou a articulação entre teoria e prática, fortalecendo a formação inicial dos acadêmicos de Pedagogia. Ao vivenciarem a pesquisa e a experimentação em contextos reais de ensino, os futuros professores ampliaram suas experiências formativas, conectando o conhecimento acadêmico às demandas concretas da Educação Básica. A curricularização da extensão, nesse sentido, revelou-se fundamental para garantir uma formação docente mais contextualizada, crítica e comprometida com a realidade escolar, evidenciando o papel transformador da universidade na sociedade.

Por fim, o respeito à diversidade e a valorização do protagonismo dos estudantes consolidaram-se como princípios essenciais do *EduCine*. Ao trazer múltiplas representações culturais e sociais para a sala de aula, o projeto fomentou um ambiente educacional mais inclusivo e dialógico, no qual diferentes perspectivas puderam ser debatidas criticamente. Dessa forma, concluímos que a educação científica e o cinema, quando articulados pedagogicamente, corroboram para a promoção do pensamento crítico, da sensibilidade estética e da consciência social, preparando os estudantes para uma participação ativa, cidadã e transformadora na sociedade.

## Referências

- ARROIO, Agnaldo; GIORDAN, Marcelo. **O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino.** Química Nova na Escola. v.24, n.1, p. 8-11, 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em 01 dez. 2024.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acessado em 18 jan. 2024.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil.** Brasília-DF: MEC/SEF/DPE/COEDI, v. 3, 1998a.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação a Distância. **Salto para o Futuro: TV e Informática na Educação.** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998b.
- BRASIL. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014.** Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm). Acesso em 03 dez. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº07, de 18 de dezembro de 2018.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2018. Disponível em: [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808). Acesso em 05 dezembro 2024.
- CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. **Pergaminho**, Patos de Minas, v. 3, n. 1, p. 87-188, nov. 2012
- FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação.** 2a ed. Trad. J. A. Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Org.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, p. 1-18, 2017.
- GOBBI, Marcia. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. In: **Seminário Nacional: Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais**, 1., 2010, Belo Horizonte. Anais[...]. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira. **Extensão universitária: gestão, comunicação e desenvolvimento regional**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2022.

MOSS, Peter. Reconceitualizando a infância: crianças, instituições e profissionais. In: OLIVEIRA, Zilma (org.). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 235-248.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. A construção da extensão universitária no Brasil: trajetória e desafios. In: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Avaliação da Extensão Universitária**. Belo Horizonte: FOPROEX; PROEX/UFMG, 2013. p. 28-50.

RINALDI, Carla. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Leila; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Penso, 2016. v. 2, p. 235-247.

SANT'ANA, Débora de Mello Gonçalves. **Extensão Universitária no Tempo e no Espaço**. Ponta Grossa-PR: UEPG/PROEX – SETI, 2023.

SILVA, Veruska Anacirema Santos da. Memória e cultura: cinema e aprendizado de cineclubistas baianos dos anos 1950. 2010. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2010.

SOUZA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária**. Campinas: Alínea, 2000.

UJIE, Nájela Tavares. **Abordagem CTS e formação de professores em contexto: asserção, ação interdisciplinar e educação da infância**. Curitiba-PR: CRV, 2019.

UJIE, Nájela Tavares; BATISTA, Viviane da Silva; CORDEIRO, Irismar de Fátima. Em(n)Cantos com a Literatura Infantil: uma experiência de curricularização da extensão. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMS**, v. 30, n. 59, p. 208-227, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/21019>. Acesso em 10 jan. 2024.

UNESPAR. **Resolução 42/2022** - Regulamento da Extensão Universitária. Paranavaí-PR: CEPE/Reitoria, 2022. Disponível em: <https://proec.unespar.edu.br/menu-extensao/documentos/resolucao-no-042-2022-2013-cepe-unespar.pdf>. Acesso em 01 dez. 2024.

UNESPAR. **Resolução 34/2024** - Regulamento de Curricularização da Extensão Universitária. Paranavaí-PR: CEPE/Reitoria, 2024. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/resolucao-no-0312024cepeunespar%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/resolucao-no-0312024cepeunespar%20(2).pdf). Acesso em 01 dez. 2024.